

SOCIALiS

JORNAL DO NÚCLEO DE ESTUDANTES DE SOCIOLOGIA DO ISCTE

Nº4 || FEVEREIRO 2020

ÍNDICE

3. Editorial

4. Dossier Temático

Sustentabilidade: o desafio dos dias de hoje

10. Investigação Sociológica

14. Em Diálogo com...

20. Debate na Imprensa

22. Retratos – Ser sociólogo

24. Temas Mensais

26. Atividades do Núcleo

28. Núcleo Convidado

30. As Nossas Sugestões

31. A Tua Voz

32. Agenda Sociológica

FICHA TÉCNICA

Edição NESISCTE || **Coordenação Editorial** Cristiano Oliveira, Rodrigo Rufino

|| **Redação** Alexandre Pereira, Cristiano Oliveira, Igor Correia, Inês Pedro, Liliana Azevedo, Tânia Gomes, Tiago

Oliveira, Rodrigo Rufino || **Colaborações Externas** Ana Caetano, Francisco Santos Silva, Inês Tecedeiro, Luísa

Schmidt, Miguel Jesus, Viriato Soromenho Marques || **Grafismo e Paginação** Mariana Ferreira

|| **Ilustrações** Mariana Ferreira || **ISSN 2184-447X**

Contactos Avenida das Forças Armadas || ISCTE-IUL, Edifício 2, Cacifo 264 || 1649-026 Lisboa

nucleosociologia.iscte@gmail.com

www.nesiscte.com

EDITORIAL



Mariana Ferreira

Como é habitual, o NESISCTE lança com grande entusiasmo mais uma edição do *SOCIALiS*, um jornal que procura reinventar-se a cada edição.

Nesta 4ª edição, abrimos com um *Dossier Temático* dedicado a um dos grandes desafios dos nossos dias: a Sustentabilidade. Temas como a reflexividade pessoal ou a representação do Islão nos media constituem as investigações presentes em *Investigação Sociológica*. Estivemos ainda em *Diálogo com* a artista e rapper Capicua, onde pudemos abordar temas como a arte em Portugal ou o feminismo, tão presente na carreira da artista. O feminismo foi aprofundado no *Debate na Imprensa*, onde foi dado conta das várias abordagens na comunicação social nos últimos meses.

Entrevistámos o professor Pierre Guibentif e damos-vos a conhecer o *Retrato* de um sociólogo com um percurso ímpar. A rubrica *Opinião* nesta edição foi substituída pelos *Temas Mensais*, uma rubrica que pode ser acompanhada mensalmente no site do NESISCTE; contudo, procuramos recapitular aqui alguns destes artigos. As *Atividades do NESISCTE* neste primeiro semestre estão resumidas na rubrica seguinte. O Núcleo de Alunos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa é o *Núcleo Convidado* a relatar a sua experiência de associativismo estudantil. Terminamos, como sempre, com as *Nossas Sugestões* de livros, música, cinema e teatro para ocupares os próximos tempos e mesmo a fechar, a *Agenda Sociológica* dos eventos que aí vêm.

Mais uma vez, esforçamo-nos para corresponder às vossas expectativas e tentaremos sempre ultrapassá-las. Fica atento às próximas semanas... O *SOCIALiS* vai lançar um podcast que vais mesmo ter de ouvir. Vamos passar a ser um jornal com duas faces, uma escrita, outra falada. Cara ou Coroa?

DOSSIER TEMÁTICO

O QUE A FILOSOFIA NOS ENSINA SOBRE SUSTENTABILIDADE?

Viriato Soromenho-Marques

Professor Catedrático de Filosofia da Universidade de Lisboa¹

A concepção mais generalizada de sustentabilidade consiste em assinalar a existência de um *triângulo equilátero da sustentabilidade*, cujos vértices são os pilares social, ambiental e económico. Por esse mundo fora a discussão sobre estratégias de sustentabilidade partilha a tese segundo a qual cada um desses vértices, ou pilares, deve ter um peso e uma relevância idênticas. É o pretendido modelo do «equal footing».

Essa visão, numa perspectiva filosófica, consiste num erro colossal. Na verdade, a sustentabilidade não consiste numa negociação sindical sobre salários, ou numa reunião de accionistas para discutir a repartição de lucros e o nível de investimento. Cada um desses pilares ou vértices tem uma natureza específica, são *qualitativamente* diferentes, não podendo ser amalgamados numa igualdade numérica, que colidiria com a sua essência particular. Se confrontarmos a análise do *novo* conceito de sustentabilidade, que aqui se propõe, com uma das mais clássicas concepções da filosofia ocidental poderemos chegar a resultados surpreendentes. Tal é o caso do

contributo que para o tema vertente pode ser retirado da teoria aristotélica da causalidade, que se encontra dispersa por várias obras do Estagirita, nomeadamente, a *Metafísica* e a *Física*. O que é que nos poderia dizer Aristóteles sobre o desenvolvimento sustentável²?

" (...) COMO É QUE PODERÍAMOS ACREDITAR QUE O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL FOSSE UM EFECTIVO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO, SE NÃO EXISTISSE UMA CAUSA RESPONSÁVEL PELO SEU DESENCADear, UM AGENTE ACTIVO QUE O PROMOVESSE? "

Certamente, que o grande pensador nos recordaria que a sustentabilidade não é uma *coisa*, mas sim um *processo* dinâmico de transformação, ao qual se poderia aplicar, perfeitamente, a sua teoria das quatro causas (ver Tabela n.º 1).

Tabela.1

SUSTENTABILIDADE COMO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO

Dimensão Político-Institucional como Causa Eficiente: princípio da mudança, factor decisivo para a transformação da realidade. Traduz o consenso e a vontade política e operacional de mudança.

Dimensão Económica como Causa Material: aquilo do qual algo surge, ou mediante o qual algo chega a ser. Traduz a mudança na reprodução quotidiana das condições de vida numa perspectiva da sua continuação e qualificação.

Dimensão Ambiental como Causa Formal: é a ideia ou o paradigma que dá forma (e condiciona) a transformação. Traduz o quadro de conhecimento complexo que deve modelar a mudança (incluindo os limites e possibilidades abertos pela aplicação da nossa representação das leis naturais).

Dimensão Social como Causa Final: o objectivo visado, o modelo de sociedade pretendida. Traduz o projecto de futuro onde as relações humanas (e dos humanos com as outras criaturas e ecossistemas) ocupam um lugar central.

Desde logo, verificamos que a dignidade intrínseca de cada um dos quatro vértices (teríamos um *quadrado do desenvolvimento sustentável*, em vez de um triângulo) não se pode configurar no quadro do modelo *equal footing*, mas sim no âmbito de um modelo de cooperação e interacção sinérgica. Por outro lado, surpreendemos a necessidade de um quarto pilar, ou de um quarto vértice: o *político-institucional*. Na verdade, como é que poderíamos acreditar que o desenvolvimento

sustentável fosse um efectivo processo de transformação, se não existisse uma causa responsável pelo seu desencadear, um agente activo que o promovesse?

Numa altura em que a crise ambiental e climática se acelera perigosamente, nenhum de nós se pode eximir à sua parte de responsabilidade no interior da causa eficiente da sustentabilidade, aquela que fará a diferença entre o possível e o real.

¹ O autor escreve segundo o antigo acordo ortográfico

² Aristóteles, *Metafísica*, I, 3, 983^a

SUSTENTABILIDADE – O DESAFIO DECISIVO

Luísa Schmidt

Investigadora principal ICS-ULisboa, coordenadora do Observa³

Uma das questões mais desafiantes que hoje se coloca ao desenvolvimento sustentável resulta da ligação indissociável entre as dimensões ambiental e social. O Papa Francisco exprime-o bem na encíclica Laudato Si: “O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto. (...) Não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socio-ambiental”.

Quer isto dizer que o sistema económico, que assenta historicamente na exploração ilimitada de recursos finitos e na perpetuação das mais desumanas desigualdades sociais, é hoje o rosto daquilo que se chama a “insustentabilidade”. Não é novidade. Há dezenas de anos que cientistas de vários quadrantes alertam para a insustentabilidade ambiental e social da situação. Mas a vertigem eufórica dos ganhos levou sempre a recusar esses avisos.

Demorou demasiado tempo para se perceber a profunda interligação entre as más notícias ambientais e as crises sociais – seja as de persistente pobreza do mundo subdesenvolvido, seja as das rupturas sociais do mundo desenvolvido. Mas a pobreza e as desigualdades sociais mostraram-se como a

outra face da exaustão natural do planeta, e a implicação recíproca de ambas passou a designar-se a “insustentabilidade” do sistema.

Os números divulgados pelas instituições internacionais, como a ONU e o Banco Mundial, continuam a ser impressionantes. Apesar da descida da taxa de pobreza no Leste da Ásia, graças sobretudo ao rápido crescimento da China (que ajudou a retirar da pobreza extrema cerca de 475 milhões de pessoas), no resto do mundo engrossou a população extremamente pobre: com destaque para a África Sub-sahariana, para só dar um exemplo. Acresce que alguns países da América Latina, como o Brasil ou a Venezuela, que estiveram em recta ascendente, actualmente encontram-se em dramática recessão.

Por seu lado, a deflorestação mundial, continua a um ritmo alarmante, o que contribui não só para o aumento do dióxido de carbono (CO²) na atmosfera, como para a redução das reservas de água doce potável: 700 milhões de pessoas no mundo dependem de fontes de água “impróprias” para beber, cozinhar e tomar banho. Sobram ainda as más condições de saneamento: em

2017 cerca de 2,5 mil milhões de pessoas ainda não dispõem de acesso a serviços de saneamento básico.

Para contrariar esta crise humana e ambiental planetária, a ONU, enquanto autoridade que detém a chave do sistema internacional, tem-se mobilizado e, em finais de 2015, lançou 17 Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que devem ser implementados em todos os países do mundo até 2030, orientando políticas nacionais e medidas de cooperação internacional. Os temas e problemas são tão diversos e importantes como: a erradicação da pobreza e da fome, redução das desigualdades sociais, acesso à saúde, à educação, à água e ao saneamento; combate às alterações climáticas e à degradação dos ecossistemas marinhos e terrestres; energia acessível e limpa; reforço da igualdade de género; produção e consumo responsáveis e cidades sustentáveis; novos empregos; acesso à justiça; combate à corrupção e instituições fortes que protejam os bens comuns.

Neste momento que estamos a cerca de 10 anos da meta cronológica dos ODS, o desempenho de cada um deles continua muito desigual tanto em termos de escala da sua realização, como dos lugares do mundo e dos países. Mas uma coisa é certa e decisiva: sem eles encerra-se a esperança, aliás, as esperanças todas.

Os 17 ODS têm uma coisa em comum: todos afirmam, cada um no seu campo, que a sustentabilidade é o mais básico e decisivo desafio que confronta a humanidade esteja ela onde estiver, tenha ela o grau de desenvolvimento que tiver, seja ela quem for. Se há palavra que se tenha instalado em tudo da nossa vida é esta da 'sustentabilidade', o que quer dizer basicamente viabilidade a todos os níveis, e muito especificamente a nível de suporte ambiental, coesão social e economia verde.

Os 17 ODS, que estão depois especificados em 169 metas, transformam aquilo que poderia ser uma ideia angustiosa num plano de acção, ou seja, num entusiasmo público que nos mobiliza, que nos une, que promove o encontro entre humanos e entre os humanos e a natureza no planeta. Serão um dia uma das grandes expressões civilizacionais de viragem entre dois milénios. O caminho não é fácil, mas não existe outro. A vitalidade da esperança que anima as sociedades, até nas condições mais difíceis, ajudarão a encontrar caminhos para o futuro que todos precisamos.

³ A autora escreve segundo o antigo acordo ortográfico.

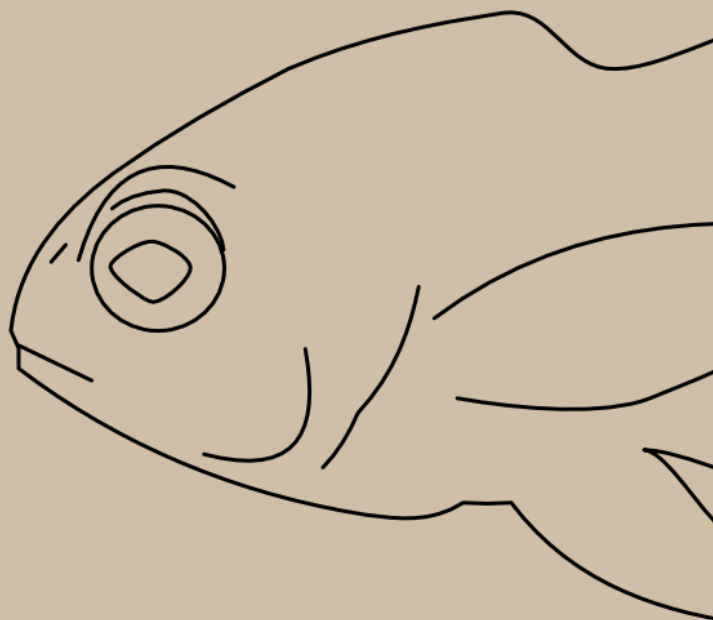
A ENTREVISTA — GREEN REVOLUTION

Inês Tecedeiro

Membro da Green Revolution

SOCIALiS: O que vos levou a criar a Green Revolution? Pretendem que seja um movimento que continue a crescer?

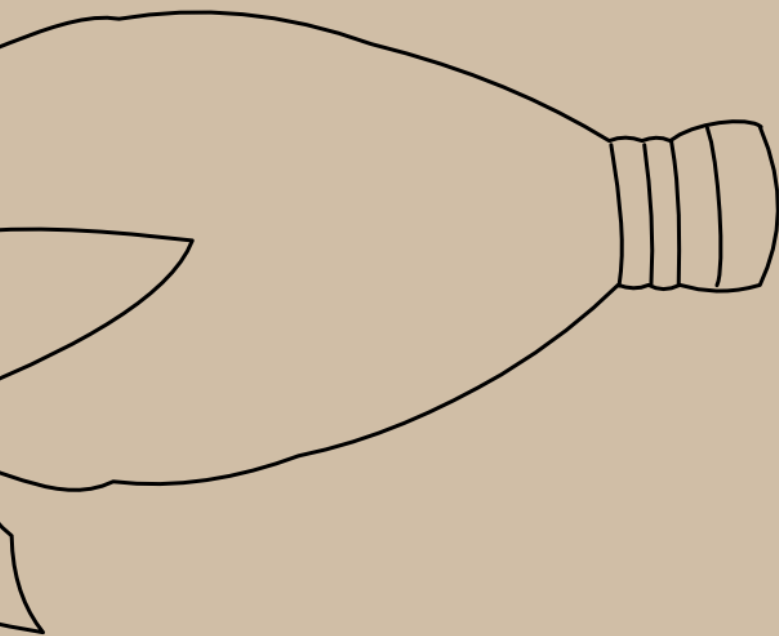
IT: Os Green Revolution foram criados por um grupo de amigos que simplesmente queriam fazer a diferença na comunidade e queriam principalmente chamar a atenção da população assim como das instituições para este problema. A nossa intenção é que o movimento tenha impacto em toda a comunidade e, sendo que apenas existimos graças aos nossos voluntários, é cada vez mais importante o seu apoio.



A MINHA PREMISSE DE BASE É A DE QUE NUM MUNDO FINITO NÃO PODEMOS TER CRESCIMENTO INFINITO, E QUANDO VAMOS ANALISAR A SITUAÇÃO EM QUE O NOSSO PLANETA SE ENCONTRA PERCEBEMOS QUE O NOSSO SISTEMA ECONÓMICO EXPLORA-O COM O FIM ÚLTIMO DE LUCRO (...)"

SOCIALiS: Sentes que desde o início desta organização tens um papel de responsabilidade social de educar para a sustentabilidade ambiental?

IT: Sim sem dúvida, os Green Revolution foram para mim o início do meu ativismo. Com os Green desenvolvi competências intelectuais, organizacionais, educacionais e de ação em relação a esta temática. Obtive



novos conhecimentos e consolidei aqueles que já tinha. Para além disso acabamos por ter contacto com outros grupos que partilham as mesmas preocupações, fortalecendo assim o associativismo que por consequência fortalece a consciencialização para as alterações climáticas, desigualdades sociais e qualquer tipo de falha que exista neste sistema que tem a obrigação de proteger e ajudar as comunidades.

SOCIALiS: Consideras que estes tipos de movimentos organizados conseguem ter um maior efeito de consciencialização social, devido à proximidade que estes têm das populações, do que políticas públicas?

IT: A minha premissa de base é a de que num mundo finito não podemos ter crescimento infinito, e quando vamos analisar a situação em que o nosso planeta se encontra percebemos que o nosso sistema económico explora-o com o fim último de lucro, seja qual for o preço. Assim acredito que este tipo de movimentos são absolutamente essenciais para despertar a sociedade e a forma como vivemos neste planeta, que é o único que temos. O ser humano tende a pensar que se encontra separado da natureza, e que por isso a pode controlar. Mas isso não é verdade, nós existimos graças a ela, precisamos dela. E precisamos dela saudável. Estes movimentos devem trabalhar em conjunto com as entidades competentes para criar políticas públicas que suscitem realmente a mudança.

INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA

OLHAR PARA DENTRO A PARTIR DE FORA: A ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA REFLEXIVIDADE INDIVIDUAL

Ana Caetano

Professora Auxiliar no Iscte e Investigadora integrada no Cies_iscte⁴

Costuma dizer-se que somos aquilo que fazemos. Mas somos também o que pensamos e o modo como olhamos e interpretamos o mundo, as outras pessoas e nós próprios. Reflectimos sobre o que aconteceu, avaliamos opções tomadas, interpretamos o dia-a-dia, descodificamos o que nos rodeia, projectamos o futuro. É precisamente isso a reflexividade individual. Sozinhas ou acompanhadas, silenciosamente nas suas mentes ou em situação de interacção, as pessoas dialogam consigo mesmas para fazerem sentido do que são no mundo. O que se passa na privacidade da nossa mente tem, por isso, relevância social e sociológica. Na pesquisa que desenvolvi sobre a reflexividade individual, através da realização de entrevistas biográficas, ficou claro que as conversas internas que mantemos connosco próprios são socialmente estruturadas e têm influência naquilo que fazemos. Ser reflexivo não é um privilégio de apenas alguns, mas uma condição de existência em sociedade, embora sejamos reflexivos de maneiras dis-

tintas. As condições estruturais, as conjun-
conjunturas sociais, os recursos económicos,
as qualificações escolares, o capital cultural,
as relações e socializações de género, os
modos de relação com recursos e práticas, as
redes de amizade, as trajetórias
profissionais, os lazeres, as contingências,
bem como a capacidade agencial actuam em
moldes distintos, com diferentes
combinatórias, na definição de modos
concretos de pensar sobre si no mundo.

■
“NO FUNDO, A REFLEXIVIDADE FAZ A PONTE
ENTRE O MUNDO EXTERIOR E A VIDA
INTERNA(...).”
■

Na investigação que levei a cabo identifiquei
diferentes perfis de reflexividade e percebi,
por exemplo, que contextos socioeconómicos

mais privilegiados, ligados a uma frequência prolongada no ensino superior e com origens sociais mais qualificadas contribuem para desenvolver competências de autoanálise particularmente ampliadas de reflexão intensa sobre questões existenciais.

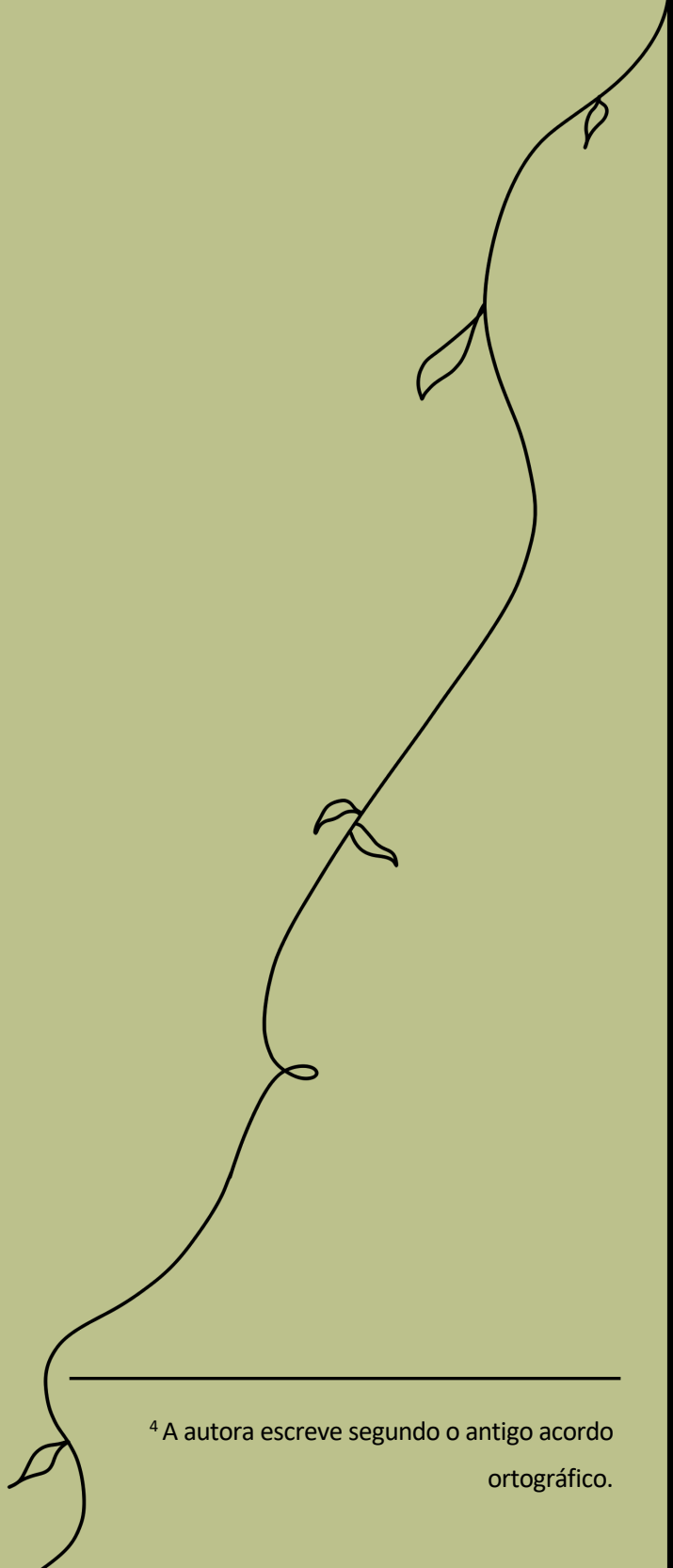
■

" REFLECTIMOS SOBRE O QUE ACONTECEU,
AVALIAMOS OPÇÕES TOMADAS,
INTERPRETAMOS O DIA-A-DIA,
DESCODIFICAMOS O QUE NOS RODEIA,
PROJECTAMOS O FUTURO. É PRECISAMENTE
ISSO A REFLEXIVIDADE INDIVIDUAL."

■

Se pensarmos, por contraste, em pessoas inseridas em enquadramentos sociais mais desfavorecidos e com uma relação fraca com a educação formal, as suas competências reflexivas tendem a ser sobretudo direccionadas para questões mais pragmáticas de organização da vida doméstica, familiar e laboral. Significa que encontramos na mente de cada pessoa os contextos sociais que estruturam os seus enquadramentos de vida e, por outro lado, esses esquemas mentais contribuem para construir as estruturas sociais. No fundo, a re-

flexividade faz a ponte entre o mundo exterior e a vida interna, ou seja, entre por um lado os constrangimentos e possibilidades dos nossos enquadramentos sociais e, por outro, aquilo que deles fazemos nas nossas práticas e projectos.



⁴ A autora escreve segundo o antigo acordo ortográfico.

REPRESENTAÇÕES DO ISLÃO NOS MEDIA PORTUGUESES

Francisco Santos Silva

Doutorado em Religions and Theology da Universidade de Manchester e doutorando em Sociologia no Iscte

A cobertura mediática da religião Islâmica tem sido um tema de interesse a nível global, particularmente após os acontecimentos do 11 de Setembro de 2001, com o ataque às torres gémeas e a subsequente urgência em conhecer uma religião que era desconhecida com qualquer grau de profundidade por uma grande parte da população no mundo ocidental. A forma como esta cobertura mediática é feita difere de país para país e, em muitos casos, reflete ideologias políticas, condições sociais, preconceitos e a história desses mesmos países.

É então interessante que não haja estudos em Portugal sobre esse mesmo assunto, sobre o qual me tenho debruçado. O meu trabalho mais recente foca-se num período específico de tempo e em dois jornais portugueses distintos, de forma a aprofundar esta atitude dos média portugueses perante o Islão e os desafios, preconceitos e ideias que a cobertura mediática nos revela. Examinei então, a semana logo após o atentado contra os escritórios do jornal satírico francês *Charlie Hebdo* em Paris, a 7 de Janeiro de 2015, e a forma como o tema foi abordado pelos jornais *Público* e *Correio*

da Manhã. Para tal, procurei nos arquivos dos jornais artigos em que a palavra específica “Islão” tivesse sido utilizada.

▪

“(...) O CORREIO DA MANHÃ COBRE DE UMA FORMA EXCLUSIVAMENTE NEGATIVA TODOS OS ASSUNTOS RELACIONADOS COM O ISLÃO.”

▪

Os resultados desta investigação foram bastante reveladores a vários níveis. Em termos de artigos noticiosos ambos cobrem extensamente o acontecimento utilizando o termo “Islão”, se bem que o *Público* dedica comparativamente mais espaço ao acontecimento, com 31 notícias nessa semana. Já o *Correio da Manhã* dá menos cobertura noticiosa ao evento, com apenas 17 notícias sobre os ataques. No entanto, dedica em comparação ao *Público*, mais artigos de opinião, 10 colunas de opinião contra 6 no *Público*.

Em termos de conteúdos, também o *Público* se demonstra mais neutro, cobrindo notícias que projetam uma imagem mais positiva sobre o Islão ou que se mostram preocupadas com o crescimento da Islamofobia na Europa, por exemplo. Por outro lado, o *Correio da Manhã* cobre de uma forma exclusivamente negativa todos os assuntos relacionados com o Islão. A mesma tendência pode ser vista nas colunas de opinião dos jornais.

Em conclusão, podemos observar que apesar de o *Correio da Manhã* se mostrar mais desinteressado em questões internacionais como este ataque, o que é

refletido na pouca cobertura noticiosa, é claramente parcial na sua cobertura, selecionando apenas notícias com pendor chocante ou negativo. Apesar de não ter encontrado neste período nenhuma “notícia falsa”, existe um claro enviesamento noticioso por omissão. Por outro lado, o jornal *Público*, apesar de estar também longe de mostrar um retrato completo ou complexo sobre o Islão, demonstra uma maior preocupação com uma tentativa de imparcialidade, tanto ao nível noticioso, como ao nível das suas colunas de opinião. A cobertura negativa, se bem que maioritária, é compensada com cobertura neutra ou positiva.



EM DIÁLOGO COM...

Capicua

Rapper militante portuguesa

Tendo-a como figura importante do panorama musical português e socióloga de formação, o SOCIALiS entrou em contacto com Capicua. Durante a nossa conversa foram muitos os tópicos que se abordaram, desde os motivos que a levaram a escolher Sociologia, à sua opinião enquanto rapper inserida num género musical dominado pela presença masculina, entre muitas outras questões.

A entrevista completa poderá ser lida no site do [NESISCTE](#).



SOCIALiS: És licenciada em Sociologia.

Porquê a opção por Sociologia?

CAPICUA: Eu primeiro pensei em seguir Ciência Política, mas depois de aconselhada pelo meu pai decidi ir para um curso que fosse um bocadinho mais abrangente porque também me interessavam as questões do território ou as questões do planeamento e achei que sociologia podia ser suficientemente abrangente para depois poder escolher quer a via da sociologia política, quer a via da sociologia urbana ou a sociologia rural, ou mesmo planeamento. Por isso achei que era um curso bastante polivalente e que cumpria a função de ser uma boa base para depois eu seguir algo mais específico, que podia conseguir com uma especialização ou mestrado ou etc.

SOCIALiS: Há algum momento da licenciatura

que te tenha marcado e que queiras partilhar?

C: Acho que o que me marcou mais na licenciatura, e sobretudo no Iscte, é que o curso era muito prático. Havia muitas cadeiras anuais, havia muitos trabalhos de grupo e trabalhos individuais de investigação – ainda muito rudimentares, mas que nos obrigavam a fazer trabalho de campo ou a fazer investigação teórica, testar metodologias – e isso ensinou-me sobretudo a “safar-me” e a conseguir aprender o que quer que fosse pelos meus meios. E acho que isso foi a maior vantagem do curso que eu tirei na altura, agora já está bastante diferente, suponho, depois de Bolonha, mas foi isso: aquilo que me marcou mais foi essa componente prática que desenvolveu muito o espírito de pesquisa e que me permitiu de-

pois ter ferramentas para aprender o que eu quisesse.

E outra coisa que eu gostei no curso foi também de poder escolher cadeiras de outros cursos; gostei muito de fazer algumas cadeiras de antropologia. E, portanto, diria que essa abertura a outros cursos e o facto de ser um curso muito prático, em que fazemos investigação desde o primeiro ano, acabou por ser o melhor [deste curso].

SOCIALiS: As tuas músicas têm sempre muito conteúdo de qualidade a nível das mensagens que pretendes transmitir, mas na tua opinião, ter feito um curso que olha de uma maneira muito atenta para a sociedade e para o que nela acontece acabou por se tornar uma mais valia para a tua carreira musical?

C: Como eu disse, eu acho que o curso acabou me ensinar a aprender coisas. Ou seja, eu acho que a partir do momento em que fiz o curso desenvolvi as minhas capacidades de investigar, de saber mais, de puxar o fio do novelo e ir desfiando e conseguir ter capacidade de desenvolver as ferramentas de investigação e também de espírito crítico, de análise, claro, e depois de escrita. Portanto, investigar, aguçar o espírito crítico e depois ter essa capacidade de análise; pôr no papel aquilo que são as minhas conclusões. E isso é importante, porque acaba por ser uma base para qual-

quer coisa que queiras aprender. E acho que no fundo aguçou o meu espírito crítico, a minha capacidade de pensamento, a minha capacidade de análise, a minha curiosidade, a minha facilidade em explorar uma biblioteca, e falar com pessoas e aprender coisas e acho que na minha carreira musical – eu que não estudei música e que não tinha a mínima noção de como é que funcionava a indústria musical – fui por mim, fazendo uma carreira passo a passo, baseada num espírito do “*do it yourself*”, que eu aprendi na comunidade *Hip-Hop*, e nessa capacidade de aprender seja o que for, que eu aprendi com o curso de sociologia. E acho que isso, essa preparação de base me tem sido útil, claro.

■

“AQUILO QUE ME MARCOU MAIS FOI ESSA COMPONENTE PRÁTICA QUE DESENVOLVEU MUITO O ESPÍRITO DE PESQUISA E QUE ME PERMITIU DEPOIS TER FERRAMENTAS PARA APRENDER O QUE EU QUISESSE.”

■

Para além da questão mais artística, que tem a ver com isso do espírito crítico, de olhar para a realidade e de perceber as causas menos aparentes para as coisas, tentar pegar nos temas de uma forma me-

nos óbvia... Também acho que um curso que me obrigou a escrever bastante – porque tínhamos muitos trabalhos de investigação – acabou por ser útil também para desenvolver a minha capacidade de escrita e nesse sentido acho que me ajudou de muitas maneiras diferentes.

■

“(…) FUI POR MIM, FAZENDO UMA CARREIRA PASSO A PASSO, BASEADA NUM ESPÍRITO DO “DO IT YOURSELF”, QUE EU APRENDI NA COMUNIDADE HIP-HOP, E NESSA CAPACIDADE DE APRENDER SEJA O QUE FOR, QUE EU APRENDI COM O CURSO DE SOCIOLOGIA.”

■

SOCIALiS: Tu és rapper e MC, no entanto, este é ainda um género musical muito dominado pelos homens e em que a presença de uma mulher poderá parecer um tanto desafiadora. Como é que olhas para a esta questão? Consideras que por seres mulher os olhares que caem sobre ti são diferentes daqueles que caem sobre os homens, em termos não só do público, mas também da indústria musical e da própria comunidade rapper?

C: Ah, claro que sim. Acho que ainda é um fator de diferenciação, o género. Acho que, por um lado, é um *handicap*, é uma desvantagem no sentido em que, na primeira fase, quando estamos a provar que somos realmente talentosos e que o nosso trabalho é sério, há mais desconfiança e mais resistência. A partir do momento em que a gente prova que tem talento e que o nosso trabalho tem qualidade, acaba por ser uma vantagem, porque como somos menos, temos mais visibilidade. Mas depois, no geral, acho que os homens também – os outros *rappers* – não gostam de se comparar connosco. Então há uma espécie de liga à parte, como se nós só competíssemos entre nós e nunca com eles. Mas acho também que isso é também uma estratégia de defesa da parte deles.

Por outro lado, na minha relação com os *media* tem sido útil. Porque, como disse, dá mais visibilidade, há mais curiosidade porque é mais exótico, não é? Agora, de facto, eu acho que se esperaria que, com o tempo, isso deixasse de ser um critério de diferenciação e que passasse a ser só uma coisa, e que não tivesse grande importância porque o que importa mesmo é a música. Agora, o facto de eu ser esta pessoa, que viveu neste corpo, nesta experiência, neste contexto histórico e territorial, etc., acaba por moldar aquilo que é o meu trabalho. E, portanto, eu falo muito sobre temas femininos, falo sobre feminismo.

O facto de eu ser mulher, a minha condição, também acaba por influenciar muito o meu trabalho e isso depois também faz com que as pessoas olhem para mim como uma artista feminista, como uma mulher do *rap* e, portanto, por um lado, eu desejava que deixasse de ser um critério de diferenciação mas, por outro, acho que esse critério, como ainda tem um impacto na forma como as mulheres vivem em sociedade acabou também por inspirar o meu próprio trabalho e acabo também eu própria por contribuir indiretamente para que o género seja importante na análise do meu trabalho. Portanto é uma via de mão dupla, uma faca de dois bicos.... É uma faca, não – faca de dois gomos ou um pau de dois bicos [risos]. Estou toda trocada.

SOCIALiS: Onde é que achas que fica o limite da liberdade de expressão na música? Achas que se pode gravar qualquer letra com o argumento da liberdade artística?

C: Acho que a liberdade artística é muito vasta. Desde que não entres nos limites da liberdade de expressão que estão inscritos na lei, não é? Tipo a calúnia, difamação, essas coisas – acho que isso está bem descrito na lei. Tudo o resto é válido. É claro que as pessoas têm de ter noção que mesmo que tenham liberdade total ou quase total, nos limites da lei, de dizer seja o que for, há uma questão de bom senso e de bom gosto e há um contexto histórico em que estamos e so-

cial e político. Portanto, a partir do momento em que tocamos em pontos mais sensíveis, da mesma forma que nós somos livres de criar, nesse limite discutível, as pessoas também são livres de nos criticar por isso. Portanto, acho que a liberdade serve para os dois lados.

SOCIALiS: Como é que olhas para o estado atual da arte, cultura e música em Portugal?

C: Opá, sobre a arte e cultura não sou especialista e, portanto, não quero opinar muito. Mas em relação à música, nomeadamente à música *pop* – também não vou falar de música erudita porque também não estou muito a par – acho que estamos a viver um ótimo momento, com uma geração super talentosa nos vários estilos de música, hiper dedicada, a cantar em português, a compor muito bem, portanto, acho que estamos a viver um momento de ouro que acho que, provavelmente, nunca vivemos. Com tanta qualidade e variedade e acho que estamos mesmo num bom momento.

SOCIALiS: Tu foste uma das principais pessoas por trás da idealização da personagem hoje muito conhecida, a Beatriz Gosta. De onde é que surgiu a ideia desta personagem sem-filtros e com um humor provocante? Identificas-te com ela na sua maneira arrojada de ser e na liberdade feminina que transparece?

C: A ideia surgiu porque nós somos amigas há

muitos anos, eu e a Marta – que dá corpo e voz à personagem –, e sempre achei que ela era muito engraçada e que devíamos mostrar ao mundo o seu talento de contar histórias e a sua forma de falar engraçada e aquele seu jeito de ser. E depois estava a ler a biografia da Beatriz Costa, da atriz portuguesa, e achei que ela era muito parecida com a Marta: na forma de misturar o português com o português do Brasil, naquela coisa assim castiça e popular, mas ao mesmo tempo assim um bocadinho atrevida, assim muito fé do corpo masculino [riso]. E achei que ela tinha a ver com a Marta e depois achei que fazia sentir fazer o trocadilho “Beatriz Gosta”, por causa do “gosto” das redes sociais. Portanto, achei que era uma boa ideia. A ideia nasceu aí, das nossas conversas, de achar que ela devia fazer alguma coisa com o seu talento e deu-se a brincadeira com o nome da Beatriz Costa.

Se me identifico com a personagem? Identifico-me com essa ideia de fazer humor feminista, de uma forma descomplexada, quebrando alguns tabus. Agora, eu sou muito diferente da Marta e muito diferente da Beatriz, da própria personagem, portanto, identifico-me em muitas coisas, noutras não, não é? Não me identifico totalmente no sentido em que a personagem é muito diferente de mim e também é diferente da própria Marta. Mas acho que é interessante, esta proposta do humor feminista e sem tabus em que uma mulher fala de boémia, de

sexo, de amor, de relações sem ter nenhum tipo de constrangimento e acho que isso fazia falta em Portugal.

■

“(…) DA MESMA FORMA QUE NÓS SOMOS LIVRES DE CRIAR, NESSE LIMITE DISCUTÍVEL, AS PESSOAS TAMBÉM SÃO LIVRES DE NOS CRITICAR POR ISSO. PORTANTO, ACHO QUE A LIBERDADE SERVE PARA OS DOIS LADOS.”

■

SOCIALiS: Até que ponto achas importante existirem mais artistas que pretendem transmitir mensagens que promovam a igualdade de género e combatam o machismo?

C: Acho que, de facto, ainda temos bastante trabalho a fazer para que exista uma igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres em Portugal. Já fizemos muito desde o 25 de Abril, mas se olharmos para as chefias das grandes empresas, para as diferenças salariais, para as questões da violência doméstica, etc. etc. etc., vemos que ainda há muito trabalho a fazer e, por isso, todos os contributos são bem-vindos. Desde vindos das artes ou de outras áreas. Acho que sempre importante existirem bons contributos na luta pela igualdade.

A EQUIPA SOCIALiS APRESENTA:

CARA COROA

The logo consists of the words 'CARA' and 'COROA' stacked vertically in a bold, rounded, white font. The letter 'O' in 'COROA' is replaced by a gold coin with a textured surface. There are three yellow sound effect symbols (three curved lines) to the right of 'CARA' and three to the left of 'COROA'.

**EM CADA EDIÇÃO JUNTAMOS DUAS PESSOAS ALEATÓRIAS À CONVERSA SOBRE UM TEMA COMUM.
NÃO PERCAS A PRIMEIRA EDIÇÃO QUE VAI SAIR JÁ ESTE MÊS! MAS MANTÉM-TE ATENTO PORQUE
PROMETEMOS TRAZER MUITAS NOVIDADES AO LONGO DO SEMESTRE!**

DEBATE NA IMPRENSA

II FEMINISMO

Tiago Oliveira

Membro da Redação

“É femicídio, impunidade para o meu assassino. É o desaparecimento. É violação. E a culpa não era minha, nem onde estava, nem do que vestia. O violador és tu”. Foi esta a música que marcou o protesto das mulheres do Chile e que arrepiou o mundo no dia 25.11.2019, Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres, relata uma notícia do Público online. Segundo a mesma notícia, o número de denúncias de violência contra as mulheres aumentou no Chile.

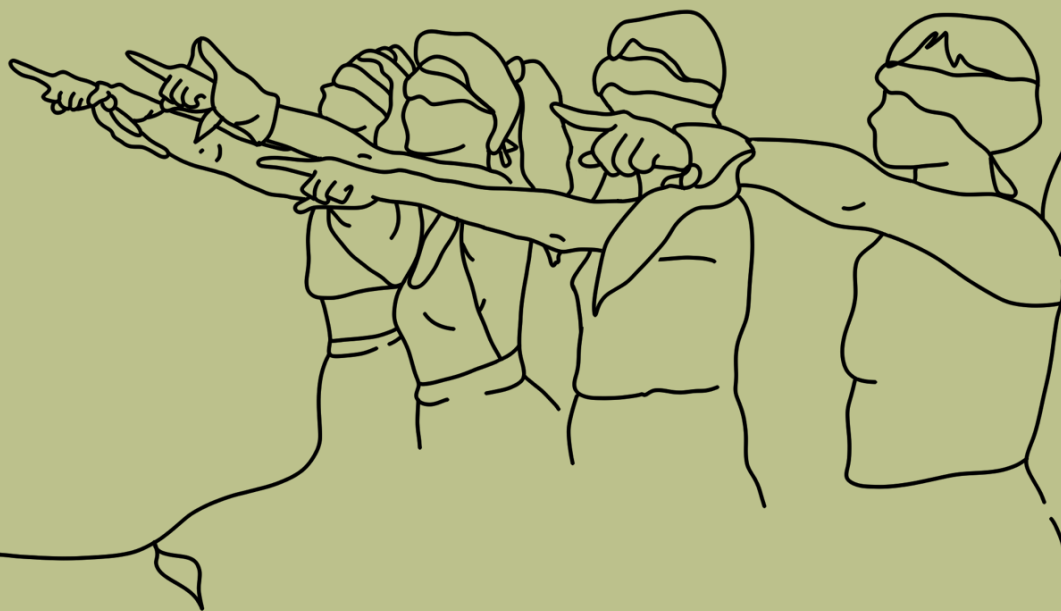
■

“PORÉM, COM A EMERGÊNCIA DE ALGUMAS FAÇÕES CONSERVADORAS DE DIREITA, TEM-SE MANIFESTADO UMA RESISTÊNCIA AO FEMINISMO (...)”

■

Para além das manifestações contra a violência contra as mulheres, existem algumas reivindicações no sentido de alcançar uma igualdade salarial, devido ao

facto de no mercado de trabalho existir ainda uma disparidade entre homens e mulheres. De acordo com um artigo de opinião de Inês Santos Silva no Público online de 23.12.2019, há cada vez um maior fosso entre homens e mulheres no mercado de trabalho, sobretudo nas áreas da tecnologia, onde o número de mulheres a trabalhar é reduzido.



Nesta medida, em alguns países europeus, e não só, são alguns os movimentos feministas que tentam lutar pelos direitos das mulheres e igualdade de género. A coordenadora do Bloco de Esquerda, Catarina Martins, afirma que “o feminismo ainda é preciso e que há direitos por conquistar” e que em Portugal, na Europa e no resto do Mundo “se morre por ser mulher” (em Diário de Notícias 17.05.2019)

Porém, com a emergência de algumas fações conservadoras de direita, tem-se ma-

nifestado uma resistência ao feminismo, ou seja, à igualdade de género nas várias esferas da sociedade. Segundo uma notícia do Diário de Notícias online de 15.11.2019, a deputada do Vox, Alicia Rubio, comparou o feminismo a um cancro, adjectivando as perspetivas feministas de “lesboterrorismo” e “pornofeminismo”. A deputada desvalorizou ainda a violência contra as mulheres, afirmando que na Arábia Saudita o cenário é bem pior e por isso não vale a pena levar a sério o contexto em Espanha.

RETRATOS

SER SOCIÓLOGO – EM DIÁLOGO COM...

Pierre Guibentif

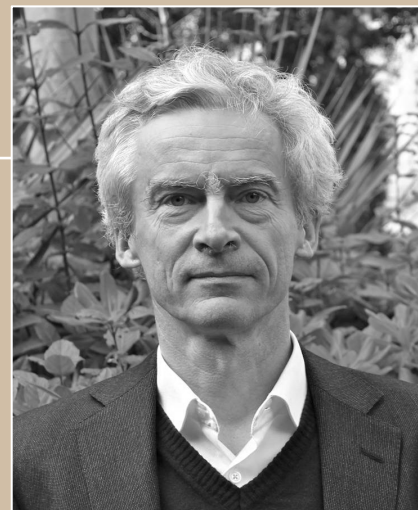
Professor no Iscte e investigador no DINÂMIA'CET

SOCIALiS: Professor Pierre, é impossível olhar para o seu currículo e não notar algo menos comum de acontecer entre sociólogos, isto é, uma licenciatura em Direito. De que forma surge Direito na sua vida?

PG: Bem, foi durante o meu ensino secundário, frequentado na Suíça, que comecei a procurar cursos superiores que fossem ao encontro das minhas preocupações com as questões sociais. Pensei encontrar resposta no curso de Direito, sendo esta a primeira licenciatura que efetivamente frequentei. Contudo, este curso revelou-se corresponder apenas parcialmente às minhas expectativas e procurei maneiras de completar a minha formação. Fui então aconselhado pelo Diretor da Proteção da Juventude do Cantão de Genebra do momento, que tive a sorte de poder consultar, a cursar também Sociologia. E foi o que fiz; iniciei a minha licenciatura em Sociologia enquanto ia fazendo igualmente a de Direito.

SOCIALiS: Na sua opinião, como é que estas duas disciplinas se interligam entre si?

PG: A sua ligação não é fácil e isso já é algo que notei durante o meu tempo de faculdade. O Direito, por enquanto, continua a ser a principal ferramenta de estruturação da realidade social e, logo, a formação em direito proporciona também conhecimentos sobre a realidade social.



D.R.

“EU SENTIA QUE VIVIA NUM PAÍS HÍPER-PRIVILEGIADO [SUÍÇA], ONDE TUDO ME PARECIA JÁ MUITO ORGANIZADO; UMA MUDANÇA PARA UM PAÍS ONDE EU PODERIA SENTIR-ME MAIS ÚTIL FAZIA SENTIDO.”

No entanto os juristas começam a compreender que existem outras ferramentas cada vez mais importantes, às quais correspondem outros conhecimentos da realidade social, também pertinentes. Entre estes o conhecimento sociológico. Os juristas, por vezes, têm alguma dificuldade em ter estes conhecimentos em conta, que podem aparecer-lhes como não absolutamente indispensáveis. Porém, nota-se também um desinteresse por parte dos sociólogos em enveredar por especializações que se aproximem do Direito.

SOCIALiS: Em que momento da sua vida é que vir para Portugal se tornou uma hipótese?

PG: Eu sentia que vivia num país hiper-privilegiado [Suíça], onde tudo me parecia já muito organizado; uma mudança para um país onde eu poderia sentir-me mais útil fazia sentido. Tinha amigos portugueses na universidade que me mantinham a par do que estava a acontecer em Portugal nos planos político e social. Isto foi logo após o 25 de abril. Senti que se vivia um momento de reconstrução do país, e decidi vir. Sucede que foi nesta altura que o regresso dos portugueses emigrados nos países nórdicos se tornou num tema de debates públicos. Vi aqui uma oportunidade única e importante de investigação. Interessava analisar como é que se lidava com estes regressos, nomeada-

mente em termos de segurança social. Este foi aliás o tema da minha tese de Doutoramento. Pude iniciar esta investigação graças à socióloga Maria Beatriz Rocha-Trindade num núcleo de investigação dedicado à emigração. Mais tarde, concorri e consegui a vaga para professor de “Teorias das Ideologias” no Iscte, acabando, pouco depois da minha admissão, por ser desafiado em lançar a cadeira de Sociologia do Direito. Este trabalho no Iscte serviu-me ainda de pivot, pois permitiu-me participar ativamente em iniciativas internacionais neste domínio. Foi assim que me encontrei envolvido na criação por exemplo do Instituto Internacional de Sociologia Jurídica. Portugal e o Iscte revelaram-se assim uma excelente base para desenvolver um trabalho internacional que acabou por ter algum impacto. Pude verificá-lo quando organizámos no Iscte o congresso anual 2018 do Research Committee on Sociology of Law da Associação internacional de Sociologia. Foi o mais concorrido de sempre, pelo que me foi dito. E valeu-nos o desafio, que o Iscte aceitou, de acolher, em 2022, um congresso muito mais importante, coordenado pela Law & Society Association americana, que vai reunir o conjunto das associações desta especialidade a operar a nível mundial.



NOVEMBRO

RODRIGO CORREIA (Mestrado em serviços de gestão e tecnologias):

“Se houvesse essa regulamentação bem documentada e um estudo feito por trás não vejo problemas em avançar para a legalização.”

CÁTIA SILVA (3º ano Licenciatura em Sociologia):

“Acho que as pessoas se quiserem fazer isso, não façam em cima das outras pessoas. (...) O facto de não ser legalizado também parte um bocado de preconceito por parte do Estado porque é o termo ‘droga’.”

INÊS COSTA (3º ano Licenciatura em Sociologia):

“Se for bem utilizada a nível da medicina é possível que traga melhorias. (...) As pessoas têm receio do que se fala disso e não tomam por ser exatamente associada a uma coisa má.”



DEZEMBRO

ISIDORO VIEIRA (2º ano da Licenciatura em Sociologia):

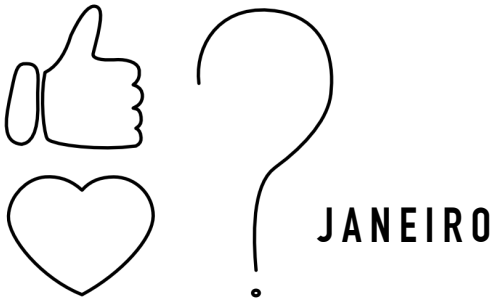
“Em Lisboa sinto-me muito confortável, tenho a sorte que... nunca registei assim nenhum caso problemático. (...) Claramente que há bairros problemáticos conhecidos em Lisboa, (...) toda a gente sabe como é que é a vida naqueles bairros.”

PEDRO SILVA (Licenciatura em Sociologia):

“Se formos olhar para outros países, [Lisboa] até é uma capital segura. (...) Nunca tive nenhuma ocasião onde me sentisse inseguro.”

BÁRBARA FEVEREIRO (Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura):

“Continuo a sentir-me insegura, particularmente se estiver a andar sozinha, mas em transportes e isso não me sinto segura. (...) [Nas zonas académicas] nunca me senti insegura.”



CAROLINA (12º ano):

“A realidade é que hoje em dia toda a gente vive consoante o que as outras pessoas fazem e querem saber constantemente o que toda a gente está a fazer e o que é que está na moda, o que vão seguir.”

DIOGO (12º ano):

“Acho que acaba por ter um grande impacto porque pode construir uma imagem diferente de uma pessoa. Por exemplo, alguém pode ser atacado a nível das redes sociais com notícias falsas ou algo do género.”

JOANA (12º ano):

“Acho que também é uma maneira que toda a gente consegue fazer parte dos media porque toda a gente consegue espalhar as notícias da forma como quer. (...) As redes sociais são um grande veículo para mudar opiniões.”

ATIVIDADES DO NESISCTE

A IMPORTANCIA DO ASSOCIATIVISMO 2.0

20 OUT '19



Mariana Ferreira

Este evento contou com testemunhos que visaram dar a conhecer associações e organizações ligadas ao meio académico, de modo a incentivar os alunos a mostrarem-se mais proativos.

SUNSET NERH E NESISCTE

15 OUT '19



Joana Lourenço

O sunset do NERH e do NESISCTE foi mais um evento cheio de diversão, que proporcionou momentos inesquecíveis.

LIMPEZA DE PRAIA

27 OUT '19



Green Revolution e NESISCTE

Com esta iniciativa, os estudantes tiveram a oportunidade de participar num evento que promoveu o cuidado e a preocupação com o meio ambiente.

4 EDIÇÃO DAS NOITES SOCIOLOGICAS

6 NOV '19



Mariana Ferreira

A 4ª edição das Noites Sociológicas tratou-se de um evento que juntou estudantes de sociologia com o objetivo de debater o tema da política, debruçando-se sobre os subtemas abstenção, crescimento da população e desigualdades na política.

Mais uma vez, dada a importância de um CV que se destaque para o mercado de trabalho, o NESISCTE forneceu a oportunidade perfeita para se perceber mais sobre a sua construção.

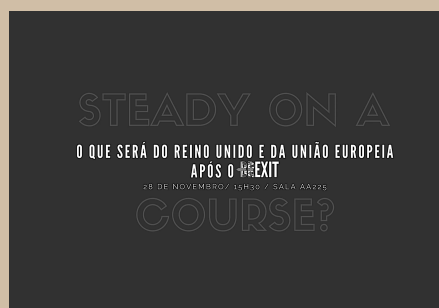
Mariana Ferreira



WORKSHOP DE CV
12NOV'19

Em parceria com a EuroDefense Jovem-Portugal, este evento foi a oportunidade perfeita para explorar a adaptação necessária da União Europeia após a saída do Reino Unido.

João Miranda



STEADY ON A COURSE?
28NOV'19

Para uma melhor preparação, o NESISCTE desenvolveu um workshop que pretendeu esclarecer todas as questões que envolvem a construção de uma carta de motivação.

João Miranda



WORKSHOP DE CARTA DE MOTIVAÇÃO
10DEZ'19

Em parceria com a APS, o Departamento Pedagógico do Ensino Secundário realizou duas dinâmicas com estudantes visando divulgar e dar a conhecer uma perspetiva diferente sobre a Sociologia.

Mariana Ferreira



UM OLHAR SOCIOLOGICO SOBRE O MUNDO
15NOV'19 & 6DEZ'19

NÚCLEO CONVIDADO

NÚCLEO DE ALUN@S DE SOCIOLOGIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
(NAS/NOVA)

Miguel Jesus

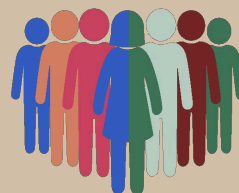
Membro do NAS/NOVA

O Núcleo de Alun@s de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa (NAS/NOVA) ‘acorda’ depois de 3 anos em sono indeterminado. Algum desse tempo foi passado a trocar impressões, ideias e motivações, estabelecer metas e tentar cumpri-las, resultando na revisão e aprovação dos estatutos em RGA, na primavera deste ano. Após a vitória aos entraves burocráticos, é hora de meter o trabalho em marcha.

Conseguimos já no arrançar deste Ano Letivo ter uma banca para a receção dos novos alunos e das novas alunas da Licenciatura em Sociologia, marcamos presença na Feira de Núcleos organizada em conjunto com a AEFCSH e ainda tivemos o gosto de estabelecer contacto com outros núcleos da FCSH e, ainda, com o NES/ISCSP e o NESISCTE. Ainda assim, há muito a fazer, queremos trazer para a discussão entre estudantes variadas temáticas não abordadas em algumas das cadeiras, queremos aproximar os estudantes à Sociologia e às várias formas de a fazer dentro e fora do espaço ‘fequeshiano’ e académico, envolvendo-nos, igualmente, num contínuo

diálogo com outros núcleos de Sociologia e demais associações estudantis do país, adicionando, claro, possíveis momentos de descontração e convívio.

Chega-nos um ano de desafios e várias tarefas, o maior deles é o de manter o Núcleo acordado e em funcionamento, nunca descuidando os objetivos supramencionados e as necessidades de estímulo de um espírito crítico dentro e discussão no ambiente universitário, problematizando e trazendo para a discussão temáticas que afligem a realidade atual e as perspetivas dos e das estudantes de sociologia como a emergência climática, as múltiplas desigualdades sociais, a contínua precarização da vida dos e das estudantes, do ensino e do mundo laboral, só para nomear algumas.



NAS NOVA
NÚCLEO DE ALUN@S DE SOCIOLOGIA
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

3^{AS} JORNADAS SOCIOLOGIA

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE

GÉNERO | EDUCAÇÃO | PRIVACIDADE | INFORMAÇÃO

19 FEVEREIRO 2020

Auditório JJ Laginha || 9h30-18h15

AS NOSSAS SUGESTÕES

MÚSICA

Álbum “Fear Inoculum” dos Tool

No dia 30 de agosto de 2019, a banda norte americana oriunda de Los Angeles, California, Tool, lançou o seu quinto álbum de estúdio após uma longa espera de 13 anos (o álbum antes de “Fear Inoculum” foi “10,000 Days”, 2006).

Com faixas como: “Fear Inoculum”, “Pneuma” e “7empest” (música merecedora Grammy na edição deste ano para “Metal Performance of the Year”), para citar as mais conhecidas pela crítica, a banda de Maynard James Keenan, de Adam Jones, Justin Chancellor e Danny Carrey continua a surpreender os seus fãs com o seu estilo musical único numa combinação entre art rock e metal progressivo.

TEATRO

Teatro “A Morte de Raquel”

Texto e Encenação: Raquel Castro

A Morte de Raquel trata-se da história de vida de uma mulher que nasce no século XX e morre no século XXI, uma mulher que, entre outras coisas, foi filha, irmã, mulher, cidadã portuguesa, artista, esposa, mãe e um animal de cabelo ondulado.

A Morte de Raquel é uma biografia que parte da morte imaginada de Raquel Castro (encenadora do espetáculo) que acontece aos seus 99 anos de idade, no ano de 2080. Raquel confrontará a sua vida passada até 2020, com a sua vida futura até 2080, fazendo colidir o passado real com as infinitas possibilidades de um futuro imaginado.

De 26 de Fevereiro a 15 de março no Teatro São Luiz

LITERATURA

Livro “A Peste” de Albert Camus

Na manhã de um dia 16 de abril dos anos de 1940, o doutor Bernard Rieux sai do seu consultório e tropeça num rato morto. Este é o primeiro sinal de uma epidemia de peste que em breve toma conta de toda a cidade de Orão, na Argélia. Sujeita a quarentena, esta torna-se um território irrespirável e os seus habitantes são conduzidos até estados de sofrimento, de loucura, mas também de compaixão de proporções desmedidas.

CINEMA

Filme “V for Vendetta” de James McTeigue

Tendo como inspiração o evento do início do século XVII da “Conspiração da Pólvora”, na qual teve como protagonista Guy Fawkes, esta história centra-se num homem mascarado conhecido apenas por “V” que, com a ajuda de Evey, tentam lutar pela liberdade e contra a opressão de um regime fascista e totalitário que tomou conta da Inglaterra após uma violenta Guerra Mundial.

CHUVA

António do Carmo

Cai. Cair abundante.
As folhas já não estão,
As ruas, vazias, tornam-se o fim do mundo.
Os olhos já não levantam
Da folha. Não é a atenção

QUERES VIR VIVER COMIGO?
POR FAVOR DIZ QUE SIM, QUE
ACEITAS .

QUERIA TANTO DECORAR A
MINHA VIDA A TEU LADO.

A COLINHA SERIA COMPOSTA
POR AZULEJOS TÍPICAMENTE
LISBOGOS, A VISTA DARIA PARA
OS SEGREDOS NOTURNOS, O

QUARTO SABERIA A LIVROS
USADOS, AS PAREDES FALARIAM
FRANCÊS E OS LENÇÓIS

CONFESSARIAM A RESTANTE
MOBÍLIA O QUÃO FELIZES
AINDA SEREMOS.

Laura Freire

AGENDA SOCIOLOGICA

FEVEREIRO

15

Conferência HeForShe UNL na Reitoria da Universidade Nova de Lisboa, dias 15 e 16 de fevereiro; 10:00 – 19:00

FEVEREIRO

17

ECSH Skills Development Week, uma semana de workshops de desenvolvimento profissional no Iscte ; 17 a 21 de fevereiro

FEVEREIRO

18

Green Economy: Opportunities and Challenges for the rural NEETS, sala 3 do ICS-ULisboa; 11:00 – 13:00

FEVEREIRO

19

3ª edição das Jornadas de Sociologia do NESISCTE no auditório J.J. Laginha do Iscte; 9:30 – 18:00

FEVEREIRO

20

Caminhar como Método de Pesquisa: o Método dos Itinerários, curso livre do CRIA com sessões nos dias 20, 21, 22 de fevereiro, sala AA1.26 do Iscte, inscrições até 13 de fevereiro

MARÇO

02

Seminário internacional Environment and Society: Current Challenges and Pathways to Change, no ICS-ULisboa, no dia 2 e 3 de março; 18:30 – 19:00

MARÇO

12

Conferência: The eradication of violence against women: Public policies and challenges for the future, sala 2 do ICS-Ulisboa; 15:00 – 17:00



NESISCTE

iscte
SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS